



Romance

Uma Novela

<i>Capítulo 2</i>	<i>O Roubo do Isqueiro</i>
<i>Capítulo 3</i>	<i>Orgasmos Múltiplos</i>
<i>Capítulo 4</i>	<i>Como Jogar Besique</i>

João Henrique de Andrade Brun

* Aluno do curso de graduação em Artes (Imagem e Som)
da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

O Roubo do Isqueiro Lilás

Pois é. Capítulos! Este segundo começa com uma dupla quebra de regras, ou melhor, uma quebra de regra e uma quebra de tradição. O original deste é (foi) a caneta. A tradição era direto no computador, pelo teclado. Já a regra, violação mais grave, é a de estar "levemente" embriagado. Estou sóbrio. Porém, estarei escutando música nos próximos parágrafos. E haverá quem discorde a música possui poderes ocultos cujos efeitos podem ultrapassar os do álcool. Logo, acredito que não se trata de uma perda.

Não poderia embriagar-me nas circunstâncias atuais. Mas a necessidade de continuar é pior que um vício. E no caso não se trata de graforreia, não. Continuo, então, o meu romance "em pedaços". Ah, aspas, vocês me fazem gozar.

Ao contrário do ocorrido no início do capítulo anterior, sinto agora ter assuntos até demais para pôr no papel. Schubert, Leopoldo, Mongaguá. Lili, Maneco, José. E muito mais. Por exemplo, o roubo do isqueiro lilás. Por exemplo, aquele personagem que não se irrita nem a pau. Incrível! Ninguém jamais virá ele perder a calma. Calma atroz, de nem ao menos levantar a voz.

-Você é um filho da puta! chegaram a lhe dizer uma vez.

E ele, sem a menor alteração em sua fisionomia azul, respondeu tranqüilo:

-Não, eu não sou filho de uma prostituta. Minha mãe é professora.

Um dia (na verdade, já era noite) lhe ofereceram:

-'Cê fuma um baseado?

-Baseado em quê?

-Ô meu, um baseado! Larga de ser besta.

-Me desculpe, mas algo "baseado" precisa ser baseado em alguma coisa, e não simplesmente "baseado".

Aliás, seriam necessários dois substantivos. Algo é baseado em algo. "Baseado" é um adjetivo! Onde você está?

Foi nesse momento que insultaram sua mãe. E ele ficou impassível.

Incompatível como Midi e Wave eram aqueles dois.

O Wave, ou "On Jack's Tall Back?", e o Midi, ou "Baseado em que?" (ou ainda "Minha mãe é professora").

E Leopoldo, perdido como sempre em suas dúvidas metafísicas, ficava dividido entre Midi e Wave. Que tal "Mive" ou "Wadi"? (aspass...ah!) Nada disso: roubou um isqueiro lilás.

Mongaguá (Schubert!), que em 1988 tinha 9821 habitantes, fica a 88 Km de distância da cidade de São Paulo. Porém, a 24Km de Itanhaém. 24!

E Leopoldo delirava tanto que chegou a certa vez até a formular a hipótese de que era tudo um ardil (chamaria de complô, mas o Aurélio não deixou). (A realidade toda estava para ele como Tristero para Édipa...) Sim! As pessoas em volta dele eram atores. Estavam fingindo! Tudo se colocava em seu redor de maneira a não permitir nenhuma afirmação final, conclusiva, total. Nenhuma. Pensou: "Ah, não! Minha mãe é minha mãe. Disso eu sei." Repensou (lembrou de Arnold e Danny): "Será que minha mãe é minha mãe?". "Totó! Totó não está fingindo!...eu acho..." Ardil! "Eu sinto. Eu sinto neles, em todos eles...vestindo máscaras...são farsantes! Impossível agirem assim de verdade. (Talvez seja um teatro mútuo, onde o inconsciente coletivo é tão forte que os faz- todos- (e eu entro no jogo, na peça) eliminarem suas partes desejantes)".

Seres desejantes, mas com o desejo reprimido, pisoteado, esmagado, triturado, sufocado em absoluto. Porém, é tão intrínseco à natureza humana, que sobrevive como o braço de um naufrago a pedir socorro.

Oh! Me desculpem. Esqueci as aspas...

E Leopoldo continuava vivendo...com o "desejo reprimido", decerto, pois quando soltou as amarras, já sabemos: foi, a la Nietzsche, a la Shumann, parar no sanatório (Aurélio diria hospício, manicômio, hospital de loucos).

(Vou manter o assunto entre parênteses. Perscrutando o danado (Aurélio), descobrimos que louco seria simplesmente aquele que não obedece as regras (escute, leitor, "A Logical Song", do Supertramp). Ué? Esta não é a definição de livre? Pois é, para não ser louco não podemos soltar as amarras, como fez Leopoldo. Talvez por isso nos seus sonhos ele sempre via seu analista vestido de preto, amarrando os cadarços de seu tênis branco. (pausa) Aurélio dá outra definição, mais engraçada: louco, indivíduo que perdeu a razão; razão, faculdade do espírito com que o homem reflete, compara, conhece, julga. O louco não reflete, não compara, não conhece, não julga. Faça-me o favor, danado!)

-Querer fazer com que irmãos siameses sobrevivam é contrariar as leis da natureza. E é só o que fazem hoje.

E o que mais fazem hoje? Roubam isqueiro lilás. E luzes se acendem. (E Auché abocanha).

A história é simples: estava bêbado (e fumado), viu dois isqueiros em cima da geladeira (o meu refrigerador não funciona), e pegou um deles (Rita Lee foi passear), o lilás (a não ser que seja mutante).

José aconselhou:

-Não vá se perder por aí. Preconceituoso.

-'Cê mi desculpa?

Acaba comigo.



Como Jogar Besique

Sangue, morte, violência, destruição, ódio, vingança, sabonete, óleo, controle remoto e uma pitada de sal. Assim começa o capítulo 4.

Coloque tudo no liquidificador, bata, e pronto: você tem um romance. Tem também um bom jogo, e não faltam descartes. Oh! não sei porquê me lembrei de Descartes, para quem "o conhecimento sensível (isto é, sensação, percepção, imaginação, memória e linguagem) é a causa do erro e deve ser afastado. O conhecimento verdadeiro é puramente intelectual."

Jogue força no grave, que já o dizia Slobodovski é o principal, é o que há, é o bicho, é o pulo do gato. Leopoldo, agora de posse de um isqueiro lilás, não parava de pensar naquilo que chamara de ardil. Até sua imagem no espelho era suspeita. Paranóia? Não! Para ele tudo era transparente. Foi nesse impulso que se soltou não para Lili (onde estava Lili?) mas para outra. Todos atores estavam fingindo, escondendo suas vontades, atuando em papéis pré-definidos de uma grande farsa (o que ele ainda não sabia, e que se soubesse iria lhe causar um curto-circuito mental era que o louco era um papel pré-definido, de modo que ele sempre seria um ator também). Já que estava imerso nisso e não poderia escapar, assim lhe falou:

Ardil ou não, menina, estando os seus passos guiados por um controle superior invisível - marionete- ou não, estando eu imaginando coisas onde não existe nada paranóico- ou não, sendo eu só mais um como todos da camada inferior alienado- ou não, de uma coisa eu estou certo, qualquer que seja o motivo artificial- ou não: eu a desejo, e muito.

Coisas da vida: justamente por causa do exagerado preâmbulo para afirmação tão simples, natural, a menina que até ficaria com ele- não o desejou mais. Pensou em adjetivos diversos: perturbado, complicado, encanado. "Pô, que cara preocupado, inseguro: deseje, e pronto, meu! Quanta encanação...Medo de ser rejeitado. é isso que dá tanto mimo."

E agora, José? Pelo menos -menos mal- não ficou tão mal para Leopoldo, pois a menina, ao explicar delicadamente que sim, ele era um cara legal, mas que devia ficar tudo só na amizade, e nada mais, ela soltou um pum. Nenhum estrondo, mas deu para escutar.

E o dia em que foi liberado matar? É isso mesmo: mate, porque hoje e daqui em diante- é permitido. Quem matar não estará fora da lei. Imagine que loucura foi! As pessoas matando umas às outras a torto e a direito. Não gostando, por exemplo, de um pró-reitor de extensão, bastava ir lá e matá-lo: ninguém faria nada a você é permitido!

Porém, estou adiantando um fato que só ocorreria muitas páginas depois...

O que queria dizer agora é que tudo gira em torno de um conjunto de três palavras extremamente capitalista:

Eu te amo.

Eu te adoro. Quando estou com você uma felicidade imensa, ou melhor, sem dimensões: infinita, me enche e descubro que não preciso mais nada. E é lindo que tudo isso é recíproco. Fico mais feliz ainda sabendo sentindo- que você fica feliz por minha causa. Na verdade, é isso que me faz feliz: fazer você feliz. E o que faz você feliz é ver que você me faz feliz. Você me faz muito feliz. Eu te amo, e o digo sem medo, sem receios: eu te amo.

Quando fazemos amor o que me importa não é o meu prazer: é o seu. O meu prazer vem do seu. Ver você gozar você, usando meu corpo; eu dando meu corpo a você é que me faz gozar. E você me dá seu corpo o seu gozo- para isso. De fato: não há nada mais triste que gozar sozinho, não importa qual das partes.

Mas alguém (um homem) disse uma vez:

"A vida é a procura de um lugar adequado para deixar sua própria porra.", "Quando temos o receptáculo que queremos para nossa porra, estamos felizes e não precisamos mais nada." E o receptáculo que queremos varia com o passar do tempo (outro alguém dirá: eis a causa de tantos casamentos frustrados! Não, não é tão simples assim, e não é sobre isto que estou falando).

E o receptáculo que Leopoldo procurava tinha duas sílabas idênticas: Entre o inferno e o profundo mar azul.

